

---

**Editorial 5, 2012/02** [1]

---

**Entrevista**

**Entrevista com Noam Chomsky** [2-13]

Interview with Noam Chomsky [14-24]

Cristina Buarque

---

**Artigos**

**Extirpar e expelir: sobre a administração penal dos migrantes pós-coloniais na União Européia** [25-32]

Extirpate and expell: on the penal management of postcolonial migrants in the European Union [33-40]

Loïc Wacquant

**A dimensão simbólica do capitalismo moderno**

**Para uma teoria crítica da modernização**

Jessé de Souza [41-59]

**A imprensa e o sul-americano de futebol de 1922:**

**a “defesa das cores nacionais” ou o “campeonato internacional das futilidades”?**

João Manuel Casquinha Malaia Santos [60-76]

**A sociedade civil organizada e a administração governamental dos interesses: o exemplo dos conselhos paritários**

Jean-François Deluchey [77-101]

**El Neoliberalismo y el problema de “cómo vivir juntos”:**

**la comunidad en la obra de Friedrich Hayek**

Victoria Haidar [102-123]

---

## Entrevista com Noam Chomsky

Cristina Buarque

### **Noam Chomsky**

é professor emérito do Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology e ativista político.

### **Cristina Buarque**

é professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sem eco nos grandes e médios meios de comunicação nos Estados Unidos, Noam Chomsky dedica dois dias da semana a uma militância formiguinha, de pequeno ou mínimo alcance. Esta rotina abnegada foi o que me permitiu chegar até ele. Em temporada na New York University, relativamente próxima do seu escritório no Massachusetts Institute of Technology, em Boston, decidi, por puro diletantismo, enviar um e-mail com solicitação de entrevista para a Revista Estudos Políticos. Encontrei sem dificuldade o seu endereço na página do MIT, em meio à lista do corpo docente. Não custa tentar, pensei. Na recente experiência como editora da REP, acostumei-me a um espírito de tentativa e insistência, diluído em expectativas moderadas como antídoto para frustrações. Acostumei-me também a colecionar não e promessas esquecidas (tantas!) em meio a escassos e comemorados sims. A resposta de Chomsky, de próprio punho, menos de vinte e quatro horas depois da minha primeira tentativa de contato, veio, portanto, como surpresa completa.

Cerca de dois meses depois, apresentei-me no seu escritório. A assistente que tem controle completo sobre sua agenda organizava no pequeno corredor no lado de fora da sala a fila de entrevistadores daquela manhã. Fui a primeira. Depois de mim, uma jovem muçulmana com gravador em mãos, daqueles com fita cassete. Eu havia sido alertada que teria rigorosamente quarenta minutos para a entrevista. E assim foi. Embalada pelos modos calmos e pela fala tranquila de Chomsky, que passeava por assuntos vários, cheguei a acreditar que o tempo seria mais elástico. E o corte abrupto – precipitado por vigorosas batidas na porta – me deixou com uma lista de perguntas por fazer. Saí de

lá entre excitada e frustrada. Mais uma vez, arrisquei a comunicação eletrônica. Mais uma vez, deu certo. Fiz uma última pergunta por e-mail e recebi a resposta em tempo brevíssimo.

A entrevista que o leitor tem em mãos, e nos ouvidos também, começa com uma reflexão mais geral sobre os alcances e os limites do conhecimento humano sobre a sociedade. Para tratar o tema da ideologia, Chomsky desloca sua fala para aspectos da política norte-americana nos contextos nacional e internacional. Comenta restrições da teoria das relações internacionais, alheia à realidade dos interesses de classe. Conduzo-o então ao Brasil e ao governo Dilma Roussef. Ele ressalta avanços da era Lula, por quem parece nutrir especial apreço. Destaca atuações acertadas no cenário internacional, como o caso Honduras e a tentativa da intervenção junto ao Irã. Lamenta, contudo, a missão no Haiti. A despeito de marcado otimismo, destaca a persistência de dois grandes problemas no país: a desigualdade social ainda alarmante e os maus-tratos ao meio ambiente. Volta aos Estados Unidos, comenta sua trajetória de desenvolvimento e sua perda de poderes sobre a América Latina. Aporta no mundo árabe e suas relações com o Irã, assinalando o Brasil como mediador potencial de negociações com o país. As batidas na porta encerram a conversa, que ainda seguiu breves minutos com interessante declaração off-camera. Depois, por e-mail, recebi resposta para a pergunta sobre se alguma crítica dirigida a ele já o fez repensar suas posições.

Bev Stoll e Diogo Almeida tornaram este encontro possível. Thiago Nasser transcreveu e traduziu para o português.

**Cristina Buarque**

Professor Chomsky, muito obrigada por ter aceito me receber hoje.

**Noam Chomsky**

Fico feliz em fazê-lo.

**Cristina Buarque**

Para começar, eu gostaria de fazer uma pergunta sobre sua visão a respeito do conhecimento humano e sua relação com questões sociais. O senhor afirmou repetidas vezes que as chamadas Ciências Sociais são na verdade disciplinas ideológicas. A partir desta ideia, esta pergunta se desdobra em duas partes. A primeira delas é essa crítica tem origem em limitações inerentes ao objeto de estudo das Ciências Sociais ou está direcionada à maneira como este objeto é de fato abordado?

**Noam Chomsky**

Bem, na verdade, nesse segundo sentido, seria uma crítica. Isto é, elas devem ser tão livres quanto possível em suas investigações de pressuposições e pressupostos e da estruturação de crenças e metas, e assim em diante. Mas dizer que elas têm tais pressupostos e hipóteses e crenças não é uma crítica. Quero dizer, você não pode deixar de ser humano. E você... o que você vai buscar, os tipos de questões que você vai perguntar, o que você vai deixar de lado como irrelevante e assim por diante, sempre refletirá alguma estrutura de crenças e compreensão que você traz consigo ao tema, e isto é verdade se você estuda física quântica e é verdade se você estuda sociedades. Quando é o caso de se estudar sociedades, nós temos a tendência de dar o nome de ideologia, e você não chama de ideologia quando está estudando física, mas... você não pode... não existe algo como uma indagação ou pesquisa que não venha de alguma estrutura que determina o que você observa, o que você não observa, o que é importante... é impossível. Não existe qualquer outra alternativa de investigação.

**Cristina Buarque**

A segunda parte da mesma pergunta é o senhor acha que aprender mais sobre estas áreas do conhecimento poderia ser relevante para uma pessoa posicionada fora da academia que queira entender o cenário político no qual ela vive?

**Noam Chomsky**

Bem, eu acho que há muito a se aprender com o estudo das sociedades, economias e sistemas políticos... como funcionam, como a vontade popular está relacionada às políticas públicas... há um número infinito de questões, e as ciências sociais podem – e de fato o fazem – contribuir com muitas informações bastante úteis... Quero dizer, eu as uso o tempo todo em meu trabalho.

**Cristina Buarque**

Ok, então existe um diálogo possível entre estes dois mundos...?

**Noam Chomsky**

Sim, quero dizer...

**Cristina Buarque**

...o não-acadêmico e o acadêmico?

**Noam Chomsky**

Se leio o Political Science Quarterly geralmente aprendo algo relevante, mesmo se não concordo com os autores.

**Cristina Buarque**

Gostaria de deslocar o foco para uma questão relacionada especificamente com a ciência política. Sua atual concepção foi moldada principalmente na revolução behaviorista da década de 1950, e esta mudança de paradigma foi supostamente motivada por uma tentativa de tornar o pensamento político mais objetivo e menos ideológico. Com esse propósito, a dinâmica das instituições políticas começou a ser estudada como fenômeno em grande medida autônomo e independente. O senhor enxerga consequências políticas nesta mudança?

**Noam Chomsky**

Bem, em primeiro lugar, não acho que seja uma mudança na direção de ser menos ideológico, trata-se de uma mudança na direção de ser ideologicamente diferente. Na verdade, nem tão diferente assim, mas... Então, retomando, existem questões que são discutidas e que não são, quero dizer... toda vez que você lê um número de uma revista científica isso se torna óbvio. Por exemplo, ontem à noite eu estava lendo uma... uma das... eu acho que talvez a melhor revista na área de assuntos internacionais, história diplomática, que é uma revista aberta muito boa e eles... eles estavam questionando o conceito... há uma série de artigos sobre regionalismo, e eles estavam basicamente questionando a dependência, na teoria de relações internacionais, em noções como interesse nacional, e chegaram à conclusão que “na verdade essa não é uma noção muito clara, muitas coisas estão sendo omitidas”, e eles estudam algumas das coisas que estão sendo omitidas, como por exemplo as diferenças [dentro das] regiões. Então... o sul dos Estados Unidos tende a ter preocupações diferentes das da região nordeste, o que é verdade, mas a questão crucial, a razão crucial pela qual a teoria das relações internacionais baseada no conceito de interesse nacional está de alguma forma passando ao largo do ponto essencial – se posso dizer assim – é que os interesses de classe não são levados em conta. Portanto, ela não considera a diferença crucial entre... digamos... o setor empresarial e a classe trabalhadora, as suas preocupações em relação

às políticas públicas e como elas devem ser, são visões muito diferentes. E, além disso, esta diferença afeta as políticas públicas muito diretamente, porque o setor empresarial é quem toma as decisões, e não os trabalhadores. Mas essa questão... quase não é discutida... você pode discutir questões regionais, mas assim que você toca em questões de classe, é... você está meio que fora do radar, apesar destas questões serem as mais críticas.

Bem, ideologia é isso, um conjunto de escolhas que você faz a respeito do que acredita ser importante. E é uma escolha que está intimamente relacionada à natureza da sociedade. E como aparece, por exemplo, nos movimentos sociais, e se tomemos como exemplo, digamos, o movimento pelos direitos civis. Se você quer estudar o movimento pelos direitos civis – nos Estados Unidos – se você quer estudá-lo seriamente, deve perceber um elemento crucial, no centro da questão. Tomemos Martin Luther King como um símbolo do movimento pelos direitos civis. Enquanto ele estava focando a atenção nos xerifes racistas do Alabama, estava tudo bem na opinião da elite, que se sentia honrada de... sabe... fazer dele um herói: “temos o dia [feriado] de Martin Luther King”... e no dia de Martin Luther King todo mundo lê seu discurso I have a dream de 1963, e está tudo bem. Bem, o que aconteceu depois de 1963? Muito rapidamente ele voltou sua atenção para duas coisas: questões de classe e a guerra da Indochina, e foi completamente esmagado. Se você olhar para o que aconteceu depois disso... você não lê seu discurso em 1968. Houve um, de fato, no dia em que ele foi assassinado. Ele estava em Memphis, no Tennessee, apoiando uma greve de trabalhadores do setor de saneamento, e estava prestes a liderar uma marcha de Memphis a Washington de ativistas de direitos civis, onde eles estavam organizando... iam organizar uma espécie de movimento dos pobres, que... você sabe, há uma questão de classe, porque há uma correlação raça-classe, mas muito mais ampla. Bem, ele foi assassi... ele proferiu seu discurso, no qual ele disse – ele usou uma analogia bíblica – ele disse “Eu sinto que sou como Moisés, posso ver a Terra Prometida; não vou chegar lá, mas vocês vão chegar lá. E a Terra Prometida será uma terra de justiça e igualdade e liberdade, e superação da opressão de classe” e logo depois foi assassinado.

A marcha ainda assim aconteceu, liderada por sua esposa, Coretta King, e atravessou as regiões no sul onde havia contestações, as grandes dificuldades que eles tiveram... eles acabaram em Washington – devo lembrar que aquela legislatura era a mais liberal da história americana até então – e eles montaram um acampamento em Washington, apelidada de Cidade da Ressurreição... O Congresso ordenou que as forças de segurança invadissem no meio da noite e a destruíssem e expulsassem todos de lá. Ok, esta parte... toda esta parte do legado de Martin Luther King não é celebrada no dia de Martin Luther King. Na verdade, é considerada uma espécie de mancha em sua história, junto com sua condenação da guerra do Vietnã. E isto mostra, se você olha para os efeitos do movimento pelos direitos civis no norte, existem alguns efeitos, mas basicamente... a coisa continuou em linhas muito racistas, porque questões de classe estavam envolvidas, e simplesmente não se deve tocar nesse assunto...

De fato, creio que os Estados Unidos, há alguns anos – talvez isso ainda seja verdade – mas há alguns anos, da última vez que olhei, os Estados Unidos eram um dos pouquíssimos países onde o Censo, que coleta estatísticas detalhadas sobre tudo que você possa imaginar, não inclui classe. Se as pessoas tentarem fazer estudos sobre, digamos, relações entre classe e saúde, o que elas têm que fazer é olhar para as relações entre raça e saúde, o que se estuda, para depois tentar determinar a classe das pessoas

das diversas raças, através de outros critérios, e desse modo, indiretamente, obter estatísticas da relação entre classe e saúde. Bem, isto está profundamente impregnado na cultura, por razões óbvias baseadas no sistema de poder na sociedade. Isto afeta todo o trabalho que é feito em quase todas as áreas. Incluindo, por exemplo, o que eu descrevi acerca do que estava lendo ontem; faz parte da perspectiva que os intelectuais trazem em suas abordagens. Você não olha para aquilo, sabe. E a essa altura é algo profundamente incorporado na cultura geral.

Por exemplo, eu tenho uma amiga que é professora de história em uma universidade estadual, uma das melhores universidades estaduais. Ela é professora de história mundial para uma turma de calouros e me disse que no primeiro dia de aula ela pede aos alunos que identifiquem sua classe, ela pergunta “a qual classe vocês pertencem?”, e eles têm duas respostas: se seu pai é um zelador, você é de classe média, se seu pai está na prisão, você é de classe baixa. Essa é a estrutura de classes na sociedade. O interesse nacional para o zelador é o mesmo que para o executivo chefe de empresa? Bem, esta pergunta não aparece no estudo de relações internacionais e política nacional. Não é errado ter um conjunto de suposições e perspectivas, mas você deve ser aberto e direto com relação a isso. E a partir do momento em que você pode ver o quanto.... o quanto o conjunto de suposições que é comumente –não universalmente – mas comumente trazido para os estudos reflete a estrutura de poder dentro da sociedade. Bem, esse deveria ser um tópico central de estudo. Não é. Não quero dizer que seja ignorado, é possível encontrar discussões sobre isto, porém elas deveriam estar bem no centro.

### **Cristina Buarque**

Bom, eu gostaria de mudar de tema e falar sobre o Brasil. Há dez anos o Partido dos Trabalhadores está no poder. Nosso último presidente, Lula, terminou seu segundo mandato com índices recordes de popularidade, e nossa presidente atual, Dilma Rousseff, tem sido extremamente popular desde que tomou posse. E não parece exagerado imaginar que ainda podemos ter mais quatro anos com Dilma a partir de 2014. Quais os desafios que uma permanência tão longa no poder colocam para os diferentes segmentos da esquerda brasileira, tais como os diferentes movimentos sociais e ambientais, sindicatos e assim por diante?

### **Noam Chomsky**

Bem, eu conheci um pouco o Lula antes de sua eleição e tenho uma opinião muito positiva a seu respeito. No começo, seus programas foram... Eu estava entre aqueles que o criticavam, que sentiam que ele deveria ter se voltado mais para questões sociais ao invés de pagar os bancos. Mas, em retrospectiva, acho que ele fez escolhas que eram defensáveis, talvez não as melhores. Em perspectiva comparada, as coisas funcionaram relativamente bem, poderia ter sido melhor, mas.... o que não poderia? Considerando as pressões nas escolhas, talvez esta tenha sido uma coisa razoável a se fazer. Existem questões muito sérias, e elas permanecem. Quero dizer, uma delas é que o Brasil continua sendo uma das sociedades mais desiguais do mundo. Houve uma melhora, ainda que pequena, por causa dos programas de assistência, que não ajudavam as pessoas. Mas o abismo entre os muito ricos e a grande massa de pessoas empobrecidas é enorme. Os problemas ambientais são sérios. A destruição da região Amazônica continua. Sim, trata-se de um problema não só para o Brasil mas para o mundo. A Amazônia é uma espécie de fonte de oxigênio para o mundo inteiro. O corte de árvores é muito perigoso, é muito prejudicial para a população indígena. Existe algum esforço para proteger a população indígena, é bom que exista algum esforço, mas não é de forma alguma

suficiente. Antes da eleição do Lula, eu me encontrei com líderes do MST, e eu lhes perguntei sobre sua relação com o PT. Eles disseram que não fazem parte do partido, que [o partido] tem objetivos e preocupações equivocadas. Eles podem sustentar uma cooperação solidária em algumas questões, no entanto, estão se mantendo separados. E eu acho que suas questões não foram realmente abordadas; é o movimento popular mais importante do mundo, eu acho, fez várias coisas significativas, mas permanece um movimento “de fora”, com aspirações que não estão realizadas.

E há muitas coisas interessantes acontecendo no Brasil, mas não são necessariamente... não são políticas governamentais, como o orçamento participativo, por exemplo.

Trata-se de uma novidade importante, coisas assim podem se espalhar e se tornar significativas. Então é um lugar excitante. Eu acho que existem... não há nada novo, mas existem problemas reais com o modelo de desenvolvimento. Quero dizer, um modelo de desenvolvimento que é baseado principalmente em produtos primários... A exportação em primeiro lugar não é estável, e é também... ou pode ser prejudicial. Resulta no que é chamado de “a maldição dos recursos”... você sabe, ela distorce o câmbio, enfraquece a produção doméstica... você passa a depender cada vez mais da importação de bens estrangeiros e assim por diante. Não acho que nenhum país desenvolvido tenha se desenvolvido desta forma, certamente não os Estados Unidos. Eu acho que este é um problema fundamental que precisa ser resolvido.

Na verdade, o modelo dos Estados Unidos é interessante. Há um século o Brasil tem sido chamado de potencial colosso do sul, em analogia ao colosso do norte. Como o colosso do norte se tornou o colosso do norte? Naquela época, na Revolução Americana, recomendações econômicas eram dadas, recomendações a serem seguidas em supostos princípios de “economia sólida” (sound economy). Na verdade, os princípios que o FMI e Washington, o Departamento de Tesouro, e os professores de economia ainda dão, foi dado por Adam Smith, uma boa fonte. Eles instruíam as colônias, dizendo que elas deviam seguir as leis da economia sólida, e elas deviam continuar com o que foi chamado posteriormente de vantagem comparativa, que era uma produção de produtos primários, e elas deveriam importar da Inglaterra seus bens industriais superiores, bens manufaturados, naquela época manufatura primitiva, mas estava lá.

Elas certamente não deveriam impor tarifas e desenvolver sua própria indústria capaz de competir com a da Inglaterra. E, crucialmente, elas não deveriam tentar monopolizar as principais commodities, lembrando que a mercadoria essencial naquele período era o algodão. O algodão foi o motor do início da Revolução Industrial, que decolou a partir dos têxteis e assim por diante. Enfim, não devíamos monopolizar o algodão. Estas eram as recomendações, e isto é economia sólida, um conselho que poderia ser diretamente extraído do Consenso de Washington nos dias de hoje. Bem, as colônias eram independentes, e portanto elas eram livres para violar todos os princípios da economia sólida. E foi o que fizeram.

Imediatamente estabeleceram tarifas altas, com o intuito de barrar a manufatura britânica de maior qualidade, e isto possibilitou o começo da indústria têxtil, que é o início do desenvolvimento econômico. Os efeitos disto, o desenvolvimento de indústrias paralelas de fornecimento e assim por diante, continuaram através do desenvolvimento de uma indústria de aço, da rejeição do aço britânico superior, do desenvolvimento de sua própria indústria de aço. Enquanto isso, eles começaram a tentar monopolizar o algodão, e esta foi a razão para, a principal razão para a anexação do Texas e a invasão e a conquista de metade do México. Foi um esforço aberto para tentar assegurar o monopólio

do algodão. Não conseguiram, mas chegaram perto. E o propósito disso visava tanto o desenvolvimento industrial, o desenvolvimento interno, mas também tinha um escopo internacional. É preciso lembrar que naquela época o grande inimigo era a Grã-Bretanha. Eles tinham o grande exército, a grande força naval, e assim por diante, eles estavam... restringindo as colônias. Por esse motivo tentaram várias vezes sem sucesso conquistar o Canadá, pois a Marinha britânica estava a caminho. Não puderam conquistar Cuba, porque a marinha britânica estava a caminho...

Se você olhar para trás, lá por volta da década de 1840, verá que os presidentes estavam dizendo abertamente “se nós pudermos monopolizar o algodão, podemos trazer a Grã-Bretanha aos nossos pés, pois controlaremos seus principais recursos econômicos”. Na verdade, o que eles estavam tentando fazer foi [o mesmo] que ridiculamente acusaram Saddam Hussein de estar fazendo quando da invasão do Kuwait, a absurda acusação de estar tentando monopolizar o petróleo. Bem, isto foi exatamente o que as colônias americanas fizeram, exatamente o contrário do que dizem os princípios de economia sólida, e o país se desenvolveu. Já no final do século XIX era o país mais rico do mundo, possuía riqueza de recursos agrícolas, minerais e outros, entretanto, se desenvolveu industrialmente. De fato, isso não é um caso único. Todo país desenvolvido, a começar pela Inglaterra, seguiu basicamente o mesmo caminho. Portanto, apoiar-se exclusivamente na produção de bens primários nunca funcionou, e não há motivos para acreditar que jamais vá funcionar, então eu acho... a história brasileira é misturada, o país possui indústria e tal, mas existe uma questão fundamental quanto ao rumo que a economia deve tomar, e existem muitas questões sobre os problemas internos e sociais fundamentais no país. Alguns passos foram dados, mas há um longo caminho a ser percorrido.

#### **Cristina Buarque**

Como o senhor já observou diversas vezes, os últimos dez anos na América Latina foram caracterizados por crescente unificação e integração, que seriam pré-requisitos para a independência. O Brasil é sem dúvida um dos principais fatores deste movimento, e tem aspirações de liderança na região, a exemplo do papel mediador que exerceu durante o golpe em Honduras e também da sua presença no Haiti. Paralelamente a estas aspirações regionais, o Brasil também tornou explícitas suas ambições globais, o que é visível, por exemplo, na reivindicação de um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, e no papel mediador que tentou assumir em 2010, durante a disputa relacionada ao programa de energia nuclear do Irã. Considerando que existe uma linha tênue entre liderança cooperativa e política impositiva, como o senhor acha que as aspirações regionais e globais do Brasil vão afetar o processo de integração na América Latina?

#### **Noam Chomsky**

Bem, como sempre, eu acho que o histórico é misto, logo, na minha opinião, muitas das coisas que você mencionou são bastante positivas e construtivas, como no que diz respeito a Honduras... não funcionou, mas o Brasil teve um papel positivo, o mesmo vale para o acordo com a Turquia e o Irã em relação ao urânio enriquecido. Foi de fato um incidente interessante, porque o Brasil estava seguindo uma política recomendada pelos Estados Unidos, na verdade, depois da crise diplomática, o Brasil liberou uma carta que o Obama havia escrito a Lula recomendando exatamente o que eles fizeram. Assim que o fizeram, os Estados Unidos deram para trás e forçaram uma resolução do conselho de segurança que minava o esforço, que poderia ter sido resolvido – ou pelo menos mitigado



– o conflito com relação ao Irã mas... foi um passo que falhou, mas foi um bom passo. O Haiti, por outro lado, é uma estória diferente. Penso que a força multinacional no Haiti, a MINUSTAH, tem um papel duvidoso e negativo. É fato que uma grande parte da população os quer fora de lá, porque eles são uma força de ocupação destrutiva, então é diferente, é uma questão diferente. Bem, a parte o fato de que introduziram a cólera no país... não o Brasil, mas a força o fez. Então é... é... em geral... de novo, em termos relativos, é um dos melhores históricos no mundo, talvez não o melhor, mas não é imaculado. No que diz respeito à América Latina, penso que o que aconteceu nos últimos dez anos representa uma mudança dramática. A América Latina costumava ser o quintal dos Estados Unidos, como disse Richard Olney, temos soberania prática sobre o continente e seu fiat é lei no continente. Não faz muito tempo, em 1973, quando o governo Nixon estava planejando a deposição do governo chileno, era possível ainda ouvir coisas como o National Security Council alertando “se não podemos controlar a América Latina, como podemos controlar o resto do mundo?”

Bem, isso tudo está no passado. Nos últimos dez anos, os Estados Unidos não têm controlado a América Latina... e a América do Sul se afastou significativamente; não resta nenhuma base militar, por exemplo. Os Estados Unidos ainda têm um grande efetivo militar em operação, principalmente na Colômbia, um efetivo militar crescente, mas é um cenário muito diferente do que era há 15 anos. E na verdade isto ficou muito evidente na conferência de Cartagena ocorrida há duas semanas. A conferência hemisférica e cúpula, sediadas na Colômbia, não foi concluída com uma declaração formal, e o motivo foi que eles não conseguiram chegar a um acordo a respeito das questões principais, e uma das questões principais era a entrada de Cuba, que os Estados Unidos vetaram... o resto do hemisfério os queria dentro.... não o Canadá, os Estados Unidos e o Canadá rejeitaram, a despeito do acachapante apoio do resto do hemisfério – com o Brasil liderando – e é muito improvável que haja outra reunião, a não ser que Cuba seja admitida... então isso foi uma coisa; a outra coisa foi a questão das drogas. A maior parte do hemisfério quer ir na direção da descriminalização, os Estados Unidos e o Canadá rejeitam isso terminantemente.

Então, o problema das drogas é muito grave para a América Latina. Quero dizer, no México... é uma monstruosidade... na Colômbia é parte do... é uma grande parte do motivo pelo qual talvez 150 mil pessoas foram mortas por paramilitares em anos recentes, de acordo com o procurador-geral... não é uma coisa pequena. O mesmo em outros lugares. Mas os Estados Unidos são determinados, e o problema é que, nos Estados Unidos, há tanto um problema de demanda de drogas, e um problema de fornecimento, o que raramente é discutido... as armas vêm principalmente dos Estados Unidos. E temos estatísticas para o México, porque há estudos do Departamento de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, o governo americano coleta armas no México que são confiscadas, e estudou... e seu último relatório revelou que em torno de 70% vieram dos Estados Unidos. E, além disso, sua composição se modificou. Então, há poucos anos, eram talvez pistolas, agora são fuzis, e ano que vem será mais.

Este é um problema interno dos Estados Unidos. Você e eu podemos entrar numa loja no Arizona e comprar um fuzil e entregá-lo a um amigável membro de cartel, que vai pagar por ele e enviá-lo através da fronteira, e o México está sofrendo com isso; existem 50 mil pessoas que são mortas no país, sendo reduzidas a pó, e descendo no hemisfério acontece o mesmo, então... os presidentes mexicanos... eu não vi uma votação, mas presumo que uma grande parte da população queira mudar na direção da descriminalização. Os

Estados Unidos recusam veementemente... resultado final... nenhum... nenhum anúncio na conferência. Bem, eu acho que esse é um passo na direção do que é provável que aconteça, a saber, é muito provável que a Organização dos Estados Americanos, a OEA, entre em decadência ou até mesmo desapareça, ou apenas sucumba ao controle dos Estados Unidos, e seja substituída por algo como a CELAC – a organização dos países caribenhos e da América Latina formada recentemente – que exclui os Estados Unidos e o Canadá. Isso seria inimaginável, 15 ou 20 anos atrás, que dirá 50 anos atrás.

Esta é uma mudança enorme nas relações mundiais, e para a América Latina é de importância verdadeiramente histórica; esta é, afinal de contas, a primeira vez desde que os exploradores espanhóis e portugueses chegaram, há uns 500 anos... é a primeira vez que são dados passos com sucesso, houve tentativas, mas é a primeira vez que passos com sucesso são dados na direção de alguma espécie de integração, como a UNASUR ou relações comerciais e assim em diante, e um grau de... um grau significativo de independência. É uma mudança enorme nas relações mundiais, e para a América Latina, extremamente importante. E poderia ser, e parcialmente é, a base para se encarar o real escândalo da América Latina. Quero dizer, a América Latina é muito rica, é potencialmente uma área muito rica. Por exemplo, se você comparar com o Leste Asiático, a América Latina tem vantagens enormes... recursos, sem conflitos... sem grandes conflitos, e assim por diante. Mas o Leste Asiático... se desenvolveu, e a América Latina não. E se você olhar para os motivos, que foram estudados, o recado é bem claro. Na América Latina a estrutura interna das sociedades é composta basicamente por uma elite, uma elite muito rica, muito pequena, europeizada, às vezes branca e uma grande massa de pobreza. A elite europeizada é voltada para o exterior, não é orientada domesticamente. Uma consequência é que os países não têm muita ligação entre si. Até mesmo os sistemas rodoviários [não são integrados]. Eu estive no norte do Chile há alguns anos, em um encontro com os índios Aymara, que estavam muito preocupados com a possibilidade de sua comunidade desaparecer e talvez sua língua desaparecer; se você olha onde eles estão, agora existe uma estrada que vai diretamente para a Bolívia, onde os índios Aymara estão comandando o país, mas as conexões são tão quebradas, devido à guerra, vencida pela Inglaterra, há um século, que eles nem se comunicam. Isso está sendo superado. Outros efeitos são revelados simplesmente fazendo uma comparação das pautas de importação. As importações no Leste Asiático tendem a ser bens de capital, designados para o desenvolvimento da indústria; importações para a América Latina são tipicamente concentradas em bens de luxo, e para a minúscula elite.

E o mesmo vale para a fuga de capital, exportação de capital, para onde você manda seus filhos para a universidade ou o que quer que seja. O Leste Asiático se desenvolveu de forma bem parecida aos Estados Unidos, violando todas as leis da tal economia sólida, enquanto a América Latina talvez tenha sido o servo mais fiel do FMI, e arranjos coloniais antigos não eram muito diferentes, e nós vemos os resultados. E houve um período de crescimento na América Latina, houve o período de industrialização por substituição de importações, mas isso acabou com esta virada neo-liberal na década de 1980, e agora está começando a ser retomado.

Isto... isto se deu em condições muito feias. No Brasil, houve crescimento econômico, mas sob uma ditadura militar, meio neo-nazista... substancialmente... fortemente apoiada pelos Estados Unidos, mesmo imposta por eles. Mas houve crescimento, e o mesmo aconteceu em todo o hemisfério. Isto mudou muito rapidamente na década de 1980, com a imposição dos chamados princípios econômicos sólidos, e agora há uma espécie

de liberação em relação a ela. E talvez esses problemas internos possam ser seriamente encarados. Eles são muito impressionantes. Você vê, todo país, tome por exemplo a Bolívia, o que aconteceu na Bolívia foi bastante notável, a parte mais reprimida da população no continente – a população indígena – de fato assumiu o controle. É algo realmente notável. Mas houve uma reação rápida e imediata por parte da tradicional elite branca e europeizada do leste da Bolívia, onde por acaso está a maioria dos recursos naturais. Eles querem a secessão, ou pelo menos autonomia, eles querem bloquear o modelo de desenvolvimento indígena. A situação ficou violenta e dezenas de camponeses foram mortos. Parecia que uma Guerra civil estava para eclodir. Naquela altura, houve uma intervenção da UNASUR, liderada pelo Brasil de diversas maneiras, que teve bastante sucesso. Ela evitou a guerra civil e restaurou uma autoridade governmental. Essas coisas não acabam, mas há movimentos numa direção positiva e tudo isso é significativo. A essa altura, os Estados Unidos nem tentam mais controlar a América Latina, como ficou nítido em Cartagena.

Os Estados Unidos podem ser excluídos do hemisfério, o que é uma mudança dramática. Isso vem acontecendo há um bom tempo. O domínio dos EUA, que era absoluto na década de 1940, desde então vem declinando. Começou a declinar na década de 1940 com a China seguindo uma orientação independente. E continua desde então. Sua influência continua fortíssima, mas nada comparado ao que era. O que tem sido chamado de “a perda da América Latina”, isto é, os deslocamentos no sentido de maior independência na América Latina, é uma parte significativa disso. Não apenas para a América Latina, mas para todo sistema-mundo. E o Brasil foi, voltando ao ponto que você propôs... os esforços do Brasil no sentido de assumir um papel mais significativo no sistema internacional se inserem nesse contexto. Até agora eles não tiveram tanto sucesso, mas são passos, creio eu, na direção correta. Exemplos são, como você descreveu, o acordo da Turquia com o Irã, que foi abortado, mas que representa algo positivo. Outros foram, isso acontece o tempo todo, por exemplo a Líbia, o ataque na Líbia, que foi encabeçado apenas pelos poderes imperiais tradicionais, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Havia ampla oposição no resto do mundo, ou pelo menos havia um esforço diplomático e de negociação para tentar evitar uma crise humanitária, que acabou acontecendo, e o Brasil teve um papel de liderança, os países BRIC se opuseram, a África do Sul, a Turquia. Foi semelhante no caso do Irã, uma grande questão que poderia levar a uma terrível guerra. E, mais uma vez, os Estados Unidos e a Europa estiveram numa posição de isolamento. Se você olhar para a opinião mundial quase não há relatos disso. Todavia, se observamos como o mundo se alinha em relação a essa questão, os Estados Unidos e seus aliados europeus estão de um lado e virtualmente o resto do mundo está de outro.

A China e a Rússia reclamam não integrar essa frente. A Índia a rejeita categoricamente e está de fato aumentando sua relação comercial com o Irã. O mesmo em relação à Turquia. O mundo árabe é extremamente interessante e o que se relata é que os árabes apoiam os Estados Unidos com relação ao Irã, mas isso na verdade é uma referência apenas aos ditadores árabes. O desprezo pela democracia entre elites intelectuais – o que nos traz de volta à ideologia – o desprezo é tão profundo que, se os ditadores nos apoiam, isto significa que os árabes nos apoiam. Mas, e a opinião pública? Bem, se você tem verdadeiro desprezo pela democracia, não importa. Temos muita informação sobre a opinião pública árabe, ela é estudada com regularidade pelos principais institutos ocidentais de pesquisa de opinião, institutos da própria região também, e os resultados obtidos são praticamente os mesmos... o mundo árabe não gosta do Irã, há conflitos que remontam aos conflitos

entre persas e árabes. No entanto, eles não enxergam o Irã como uma ameaça. Apenas uma pequena porcentagem pensa assim. A ameaça real para eles são os Estados Unidos. E Israel, que para eles não passa de um apanágio dos Estados Unidos. E a oposição à política dos EUA é tão forte que uma maioria – e, em países como o Egito, uma ampla maioria – acredita que o mundo seria melhor se o Irã detivesse armas nucleares. O isolamento dos poderes imperiais tradicionais é muito extremo, você não suporia isso a partir da leitura da imprensa ou até mesmo de literatura especializada. A impressão dada por exemplo pela literatura de relações internacionais ou ciência política é outra. Mas se trata de um fato. Foi semelhante com a Líbia, e o Brasil teve um papel importante. E pode ter um papel mais importante. Vamos pegar por exemplo o conflito Israel-Palestina – isso nunca é discutido no Ocidente, mas o fato é que há um consenso internacional quanto a uma solução, não uma solução definitiva, mas um arranjo, um arranjo de curto prazo de dois estados que tem sido barrado pelos Estados Unidos e não vai a lugar nenhum porque os Estados Unidos e Israel impõem condições cruciais. Agora, isso é o não dito, pois a ideologia nos diz que os Estados Unidos adotam uma postura neutra, são um árbitro cheio de boa vontade e por aí vai, e isso é uma espécie de dogma, então isso não se discute. Mas o fato é que a rejeição dos Estados Unidos bloqueia esse acordo. A condição para que os Estados Unidos aceitem negociar é que eles controlem a negociação. Bem, isso faz tanto sentido quando achar que o conflito entre xiitas e sunitas possa ser mediado pelo Irã. Se alguém dissesse isso, você riria. Mas isso é bem semelhante. Essa condição assegura que tudo continue como está. Se houvesse um processo de negociação sério, uma das partes seria neutra e teria credibilidade internacional. E não há escolha melhor que o Brasil, que tem credibilidade e é de certo modo neutro. No entanto, isso nunca pode ser mencionado no mundo ocidental pois suscitaria total incompreensão. Outro sinal da profundidade da ideologia imperial. Você simplesmente não pode conceber que nada aconteça sem que as rédeas estejam nas mãos dos poderes imperiais, o que as tornam neutras segundo essa ideologia. Bem, esses compromissos ideológicos estão por toda parte, são profundos. Mas o Brasil pode ajudar a desconstruir isso, e creio que isso já esteja acontecendo, mesmo que as primeiras tentativas tenham sido abortadas.

### **Posfácio**

Muitas perguntas foram deixadas de lado por causa do pouco tempo e decidi escolher uma delas, que permitia resposta rápida, para fazer por e-mail. A pergunta foi “Na sua longa carreira como intelectual público, o senhor já reconsiderou suas opiniões em algum assunto em particular? Caso positivo, quais assuntos e o que o fez reconsiderá-las?” No dia seguinte recebi sua resposta: “Com frequência. Para dar um exemplo antigo, ao falar sobre a Guerra do Vietnã no princípio dos anos 60, eu critiquei a decisão dos Estados de intervir numa guerra civil. Barbara Deming, ativista pacifista veterana assinalou que aquilo era na verdade uma invasão dos Estados Unidos no Vietnã do Sul, e desde então eu me atenho a esta designação acurada.”

**Cite esta entrevista****13**

BUARQUE, Cristina. Entrevista com Noam Chomsky

**Revista Estudos Políticos:** a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, nº 5, pp. 02–13, Dezembro 2012. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

**Notas**

1. N.T. Chomsky parafraseia aqui Richard Olney, que ocupou a Procuradoria Geral a Secretaria de Estado, durante o governo Grover Cleveland, além de outros cargos públicos e posto de embaixador. O trecho aludido por Chomsky, proferido quando Olney era Secretario de Estado a respeito de uma disputa de fronteiras entre Venezuela e Inglaterra, ficou conhecido como a Interpretação Olney da Doutrina Monroe, efetivamente estendendo para o resto do continente americano a invectiva de não interferência europeia no hemisfério ocidental. Na íntegra: “Today the United States is practically sovereign on this continent and its fiat is law upon the subjects to which it confines its interposition.... its infinite resources combined with its isolated position render it master of the situation and practically invulnerable as against any or all other powers.” / “Hoje os Estados Unidos são praticamente soberanos nesse continente e seu *fiat* é lei sobre os sujeitos aos quais confina sua interposição . . . seu recursos infinitos combinados à sua posição isolada os torna mestre da situação e praticamente invulnerável contra qualquer ou todos poderes”.